

CÔA VISÃO

17

Economia, Ciência e Cultura
N.º 17. ANO 2015



Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa

ISSN 2245-9344

CÔA Economia,
Ciência e Cultura
Visão₁₇

CÔAVISÃO 17

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

DESIGN GRÁFICO

Jorge Davide Sampaio (Fundação Coa Parque)

IMPRESSÃO

Côa Gráfica - Artes Gráficas, Lda.
Vila Nova de Foz Côa

DEPÓSITO LEGAL

978-972-872-8763-20-6

ISBN

978-972-8763-23-7

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Pendente perto da foz da ribeira de Piscos
Fotografia de António Martinho Baptista

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2015

PERIODICIDADE

Anual

Índice

PREFÁCIO	3
INTRODUÇÃO	5
OS COORDENADORES	
ECONOMIA	10
Falhas Institucionais e Científicas da Crise da Filoxera - 1863-1893	
El desarrollo de los ferrocarriles peninsulares transfronterizos con la provincia de salamanca	28
Usos e propriedades da amêndoa	36
Pensar no presente, o futuro do Parque Arqueológico/Museu do Côa no horizonte 2020	42
As pedreiras romanas do Salgueiro	94
Arte rupestre do castro de São Jurge - Ranhados (Mêda)	100
Glossário dos principais elementos característicos da estação arqueológica de Castanheiro do Vento (3º e 2º milénio a.c.)	108
Escavar para quê? Conhecer os artistas para compreender a arte do Côa	120
O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (PSP do AHBS),	132
CIÊNCIA	52
O Carril Mourisco	
O traçado romano de uma grande rota contemporânea	
As “estruturas circulares” em Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Exercícios descritivos e interpretativos da forma e da organização do espaço	80
CULTURA	171
Banda musical de Freixo de Numão – 1865 – 2015 150 ANOS AO SERVIÇO DA CULTURA	
Armando Martins Janeira e o pensamento colonial	181
Adventino Fachada, um artista da história local	183
Parque Arqueológico do Vale do Côa - Portefólio I	187
Criar destruindo: a arte de Vihils	245

Parque Arqueológico do Vale do Côa - Portefólio I

António Martinho Baptista*

Atravessados pelo Baixo Côa, os 20.000 hectares do PAVC constituem um território de múltiplas centralidades - arqueológicas, paisagísticas e de uma cada vez mais depurada geografia humana.

Arqueologicamente, são caracterizados pela presença maciça da arte da luz paleolítica. Milhares de figurações rupestres disseminadas nas pendentes xistosas das margens do Côa e seus cursos fluviais tributários, constituem o mais impressionante conjunto de arte paleolítica de ar livre conhecido no mundo, justamente classificado como Património Mundial da Unesco. O aprofundamento do conhecimento sobre este ciclo rupestre de época glacial tem sido gradualmente sedimentado pelo cada vez maior conhecimento do povoamento pré-histórico coevo através de escavações de sítios de habitat como no planalto das Olgas, ou nos terraços da Quinta da Barca Sul, da Cardina e na antiga praia fluvial do Fariseu.

Mergulhando no tempo longo, as evidências de antigas ocupações Magdalenenses e Gravetenses podem mesmo chegar ao Paleolítico médio, como o parecem demonstrar as recentes escavações de 2014 na Cardina.

Paisagisticamente, o relevo acentuado e sempre de múltiplos cambiantes, retalhado por fundos vales fluviais e ribeirinhos praticamente desflorestados e secos, espalha-se em zigzagueantes linhas de horizonte. A presença humana é cada vez mais fugaz e as poucas aldeias, típicas de um povoamento concentrado, são hoje pequenos burgos arruinados com uma demografia em declínio e uma população muito envelhecida. Também as antigas quintas e caminhos rurais que pontilhavam o território estão arruinadas ou foram engolidas por modernas unidades mecanizadas, que exploram os amplos vinhedos que se densificaram por praticamente toda a região. A espaços, rebanhos de ovelhas e cabras vão ainda catando os solos ressequidos e poeirentos, onde os amendoais e os olivais têm ido gradualmente cedendo terreno à vinha.

Tudo isto, se por um lado permitiu uma relativa conservação e equilíbrio dos ecossistemas, é, por outro lado, um desafio à curiosidade científica nas suas várias vertentes.

*

Director do
Parque
Arqueológico do
Vale do Côa

A não construção do empreendimento hidro-eléctrico do Baixo Côa permitiu também uma particular boa conservação do território, potenciando um sem número de mais-valias e múltiplas atractividades. Só isso permitiu a criação de um Parque Arqueológico, também ele em boa parte considerado como uma zona de protecção natural integrado na Rede Natura 2000, e um museu tão especial como é o actual Museu do Côa, único no seu género no panorama museológico português e como tal mundialmente aclamado pela generalidade de quem nos visita.

Durante muitos anos tenho dedicado (e continuo a dedicar) muito do meu esforço ao estudo e divulgação do notável património arqueológico desta região. E a linguagem fotográfica sempre fez parte desse meu estudo e divulgação, mas nunca como agora se tornou tão selectiva, talvez porque a fotografia contemporânea se transformou gradualmente no mais importante factor de comunicação associada à explosão das redes sociais digitais. É esta forma de linguagem de comunicação, sempre muito centrada neste admirável canto do mundo que é o vale do Côa, que hoje trago ao encontro dos leitores da Côavisão.

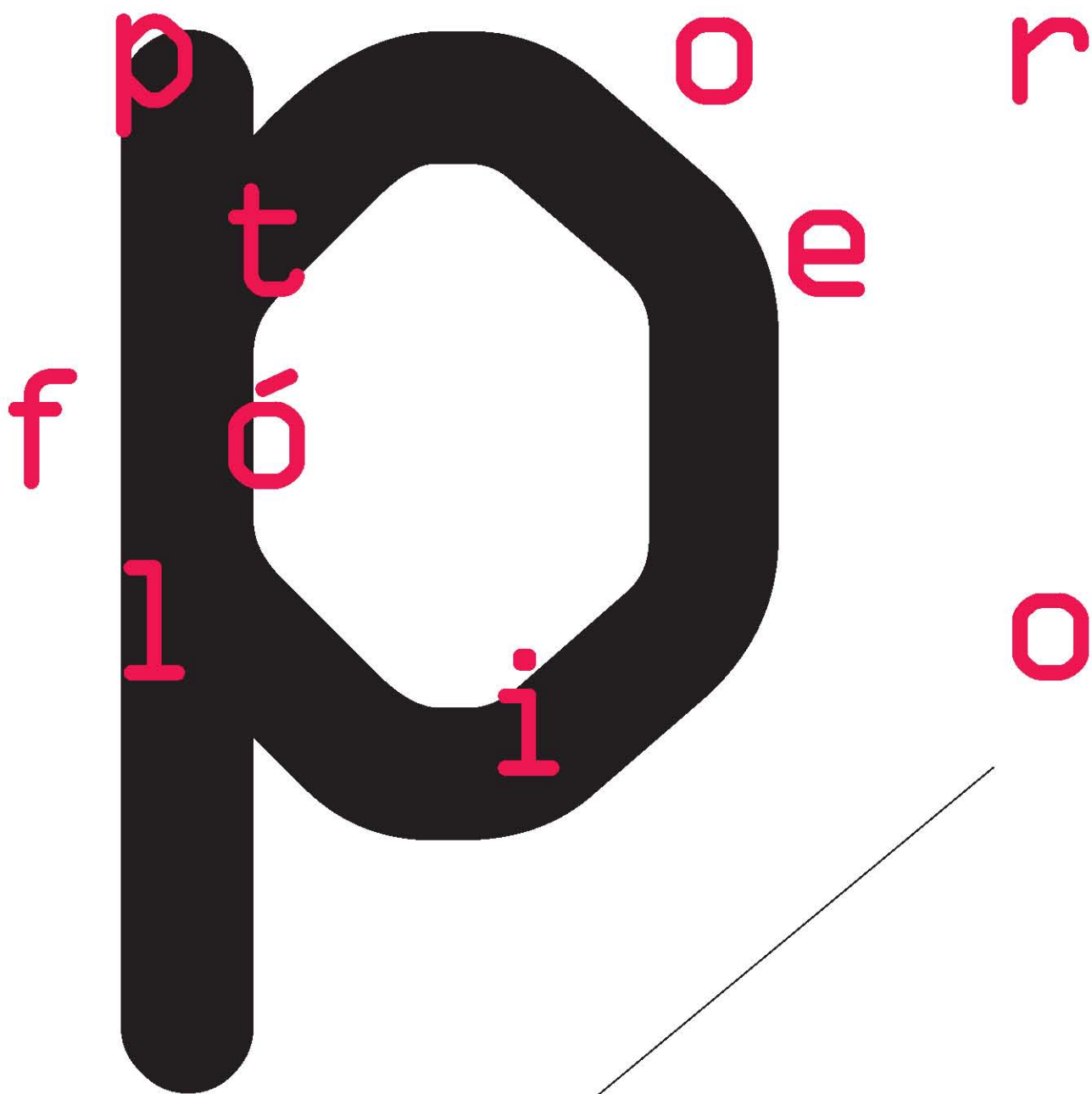
Apaixonado de há décadas por esta nova arte da luz que é a linguagem fotográfica, aqui passei logo no início do milénio, do analógico ao digital e às suas múltiplas potencialidades.

Esta presente mostra fotográfica é uma súpula muito sintética dos mais de 100.000 fotogramas que constituem hoje a minha base de dados fotográfica do Baixo Côa e regiões circum-vizinhas (com muito Trás-os-Montes de permeio).

Para uma revista com as características da Côavisão, não pretendi explorar agora muitos dos experimentalismos que o digital hoje permite.

O nosso tempo é também o da multiplicidade de imagens, do apontar e disparar, mas também o da banalidade fotográfica que isso potencia. Quase não se estuda previamente o território, não se entende a luz própria de cada região - não se pondera o tempo fotográfico. Estas imagens são acima de tudo estudadas na aridez do território, previamente pensadas e trabalhadas, sempre em formato RAW, e depois rapidamente retocadas em computador, revelando leituras contrastantes da paisagem como eu a interpreto e encapsulo digitalmente. Todas são imagens muito recentes, sendo as câmaras fotográficas utilizadas dois modelos *full-frame* da Canon, a 5D Mk II e a 5D Mk III, duas máquinas maravilhosas! Os meus filtros de eleição para os *degradés* e as poses longas são filtros *LEE*, sendo o *Big Stopper* (e a espaços o *Little*) o(s) mais utilizado(s), prolongando (o primeiro) a exposição em 10 stops, normalmente com a excelente objectiva 16-35 mm f:2.8L USM. Para a acentuação dos céus e o equilíbrio das luminosidades, utilizo preferencialmente os filtros de densidade variável graduada *LEE .6ND*, o *.9ND* e por vezes o *1.2ND*. Prefiro sempre os filtros com a acentuação esbatida ao centro, ao invés dos modelos com corte brusco na passagem do fumado para o claro. Isto permite manter uma certa harmonia nos horizontes, quase sempre muito recortados e pouco rectos nesta região. O polarizador (*LEE*, ou outro) é também um filtro muito presente, sempre em objectivas Canon da série L. Nas macros, a objectiva de 100 mm f:2.8L macro IS USM é a mais utilizada. As fotos mais recentes estão já georreferenciadas, tendo sido utilizado o GPS Receiver *GP-E2* da Canon. Quanto aos formatos, o quadrado parece-me o ideal para individualizar quer a flora e a microfauna, quer a gramática das figuras rupestres enquanto unidades singulares, que aqui emoldurei numa das paletas obtidas a partir do *software Tonality Pro*.

O restante *software* utilizado é o inevitável e muito intuitivo *Lightroom 5*, o excelente *Silver Efex Pro 2* (para preto e branco) e pontualmente o *Photoshop CC* (2014) e o *Perfect Photo Suite 9*, que só muito recentemente passei também a incluir no meu ambiente informático de trabalho laboratorial (mas ainda com alguma saudade das velhas tinas de plástico com os seus químicos e os seus cheiros muito característicos). Toda esta panóplia de *software* (em ambiente *MAC*) é indispensável para trabalhar hoje com qualidade imagens em RAW. Na captação das ambiências paisagísticas, em formato 3:2 ou panorâmico, mas este infelizmente pouco adaptado a este tipo de revista, procuro seguir a escola dos velhos mestres como Ansel Adams e os seus céus de escuro carregados. Daí também uma certa pesquisa na acentuação do preto e branco nos seus contrastes de claro/escuro, o que permite uma grande depuração das paisagens. A que procuro acrescentar invariavelmente a pose longa, por vezes de vários minutos, contrariando a luz crua e viva que caracteriza o Baixo Côa. Também por isso é o inverno o meu tempo fotográfico de eleição. Este é, pois, um primeiro portefólio do PAVC, essencialmente centrado na paisagem e na arqueologia rupestre. Não podendo alongar-me no número proposto de imagens (são agora apresentadas 47, já um excesso, de que me penitencio), optei por retirar as ambiências do mundo rural, deixando que a matéria da paisagem rupestre se substituísse à linguagem das coisas e dos quotidianos. Em próximos números da revista, espero poder alargar a outros campos este projecto singular e fascinante.



PORTEFÓLIO I
PARQUE ARQUEOLÓGICO
DO VALE DO CÔA

E
pi
só
dio I



01//A gestação do infinito

Há um momento, no longínquo Gravetense, na fase antiga da arte do Côa, em que se privilegiava a gravação da parte mais elevada dos painéis. Nascia a primeira instalação artística na paisagem enquanto forma primordial de land art. (Arte paleolítica do vale do Côa. Penascosa. Rocha 6)



02//A arte da ilusão

A pedra mais intensamente decorada no vale do Côa, ou as sobreposições estruturadas em dispositivo ilusório. (Arte paleolítica do vale do Côa. Quinta da Barca. Rocha 1)



03//0 mito paleolítico da criação

Uma só fase de gravação, dois animais cenicamente ordenados, uma espécie de ritual de pré-acasalamento. Será que já no paleolítico se reconhecia a genialidade do artista que cruzou estas duas cabeças de equídeos, que como tal assim atravessaram os tempos? (Arte paleolítica do vale do Côa. Ribeira de Piscos. Rocha 1)



04//Auroque, *Bos primigenius* do Côa #1
(Arte paleolítica do vale do Côa. Canada do
Inferno. Rocha 11)

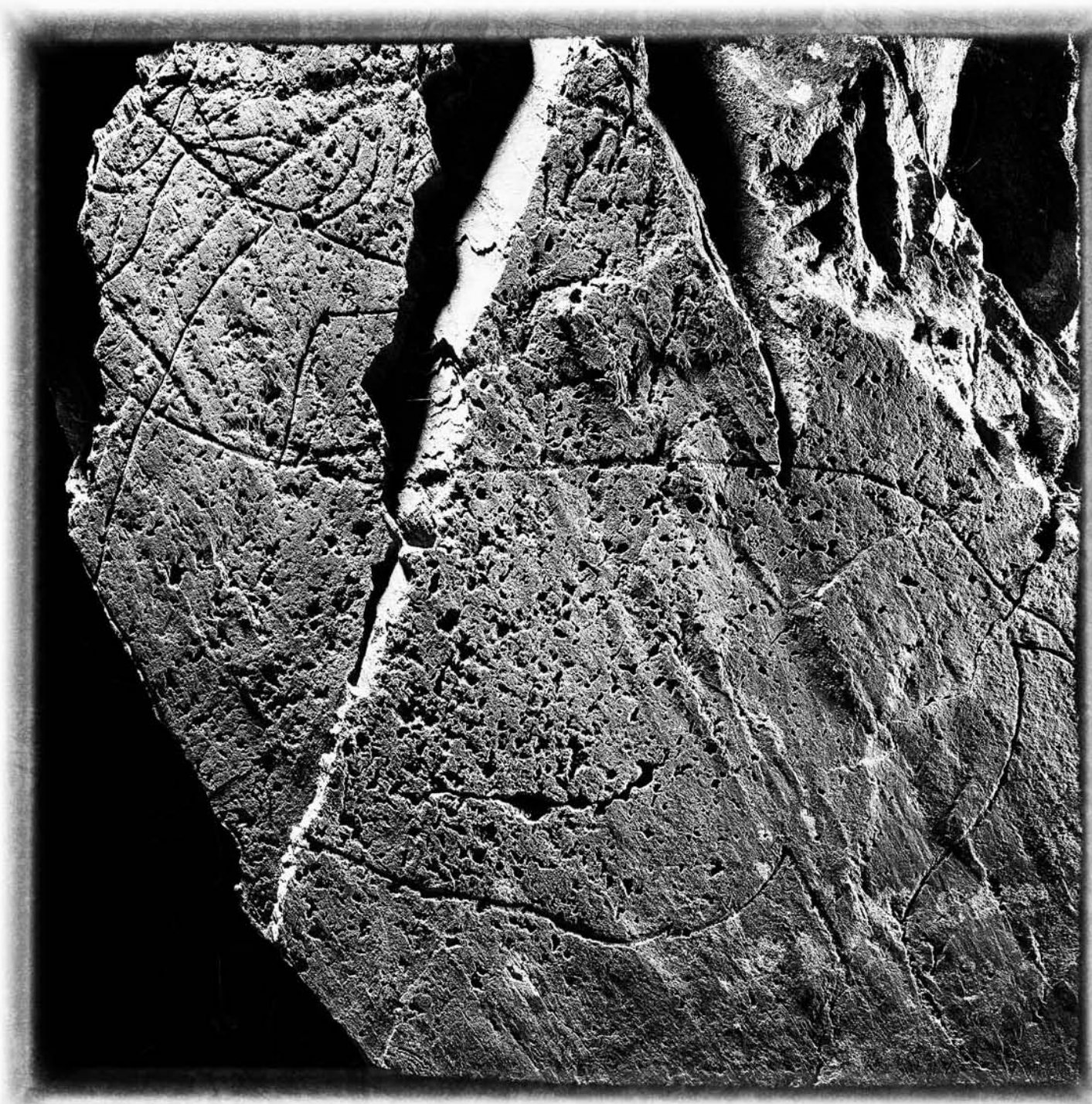


05//Auroques, *Bos primigenius* do Cda #2
(Arte paleolítica do vale do Cda. Foz da Ribeira de
Piscos. Rocha 24)



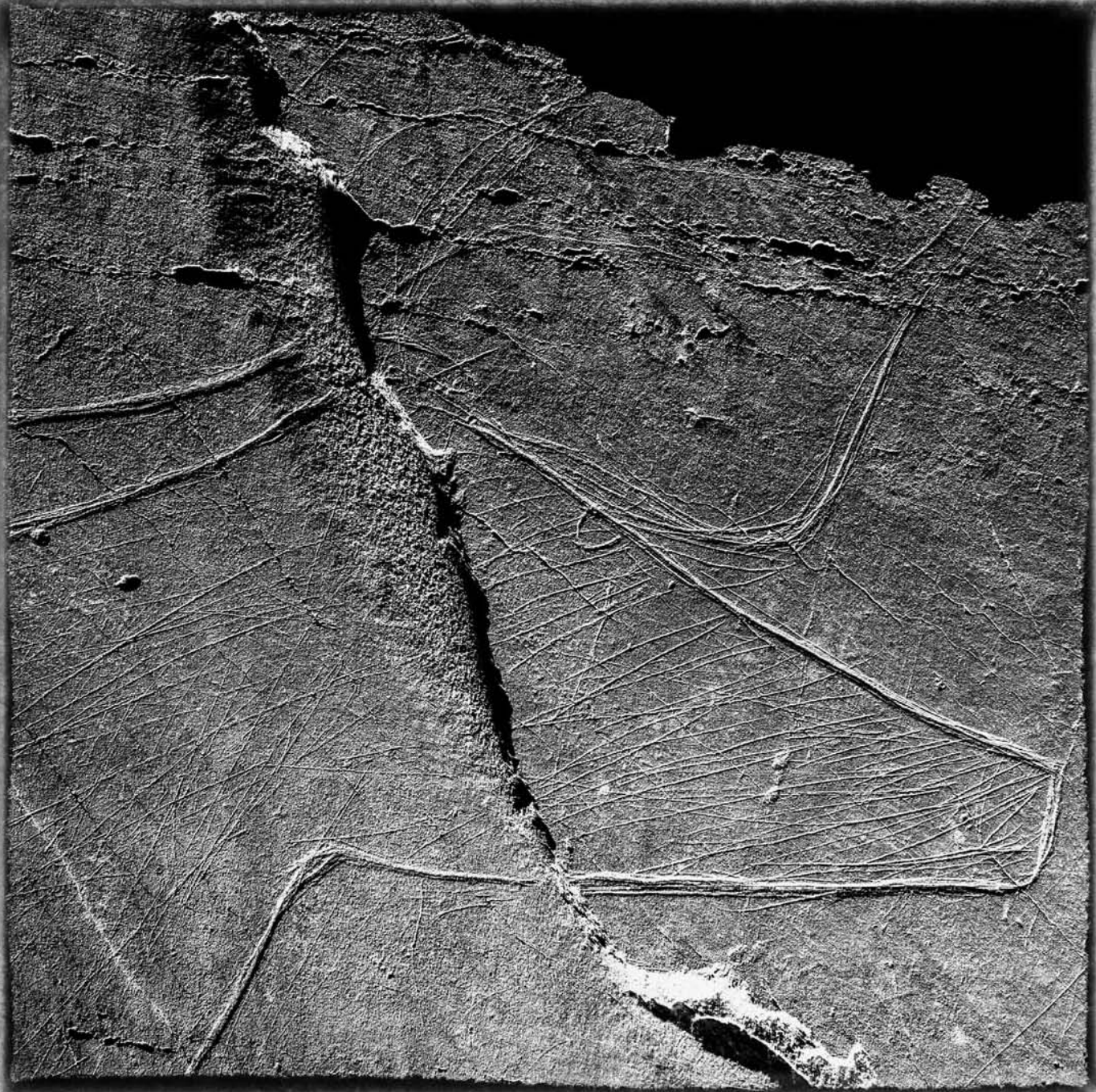
06//Cervídeo #1

Este antepassado do *cervus elaphus* actual, inciso e raspado, a maior figura de veado do Côa, domina a entrada do recinto artisticamente monumentalizado da Penascosa. (Arte paleolítica do vale do Côa. Penascosa. Rocha 10)



07//Cervídeo #2

Este grande veado tinha originalmente duas cabeças, uma forma de animação gráfica que parece ter nascido no vale do Côa. (Arte paleolítica do vale do Côa. Quinta da Barca. Rocha 2)



□B//Auroque, *Bos primigenius* do Côa #3
(Arte paleolítica do vale do Côa. Ribeira de Piscos. Rocha 2)

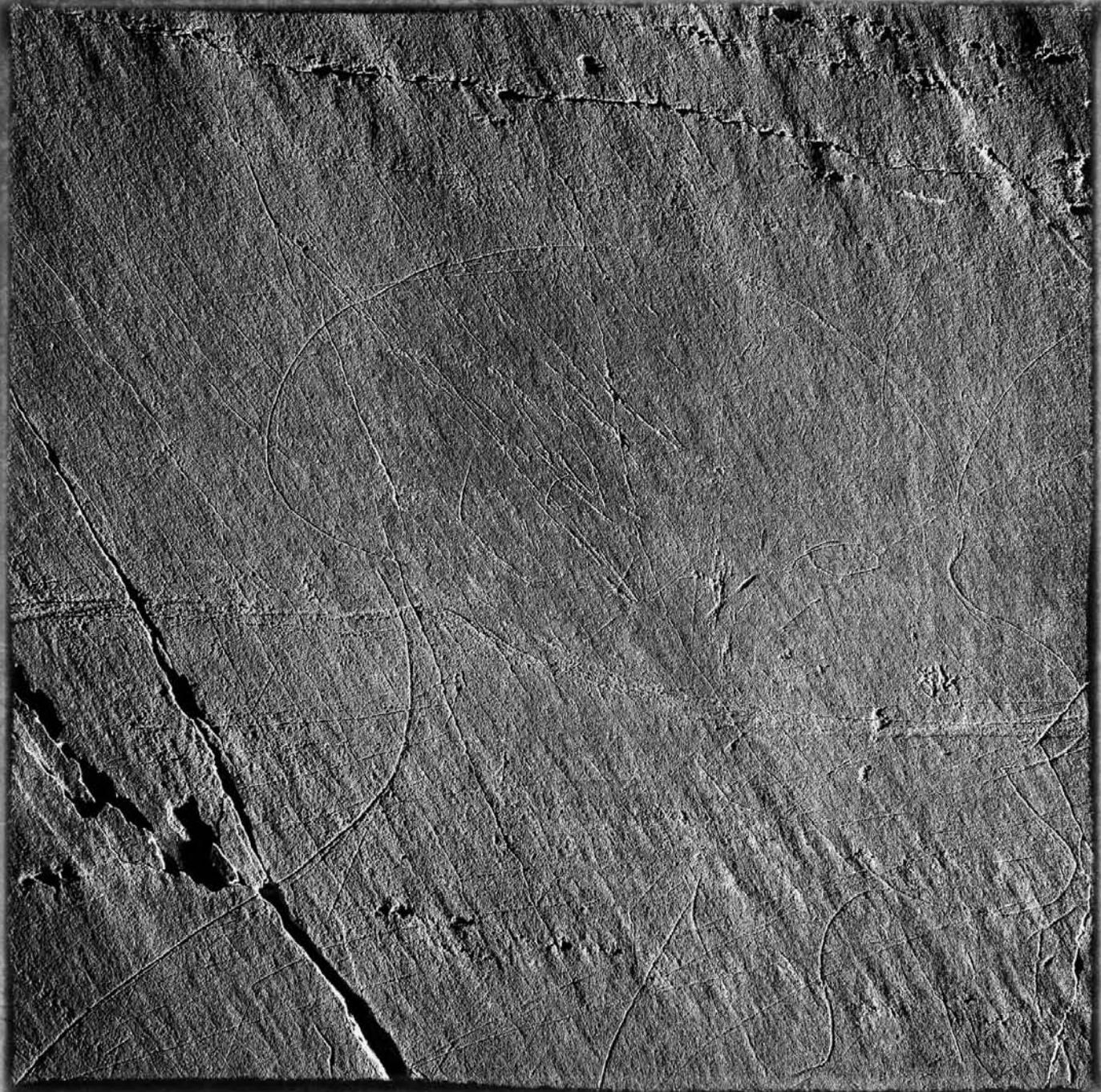


♀//Cerva #1

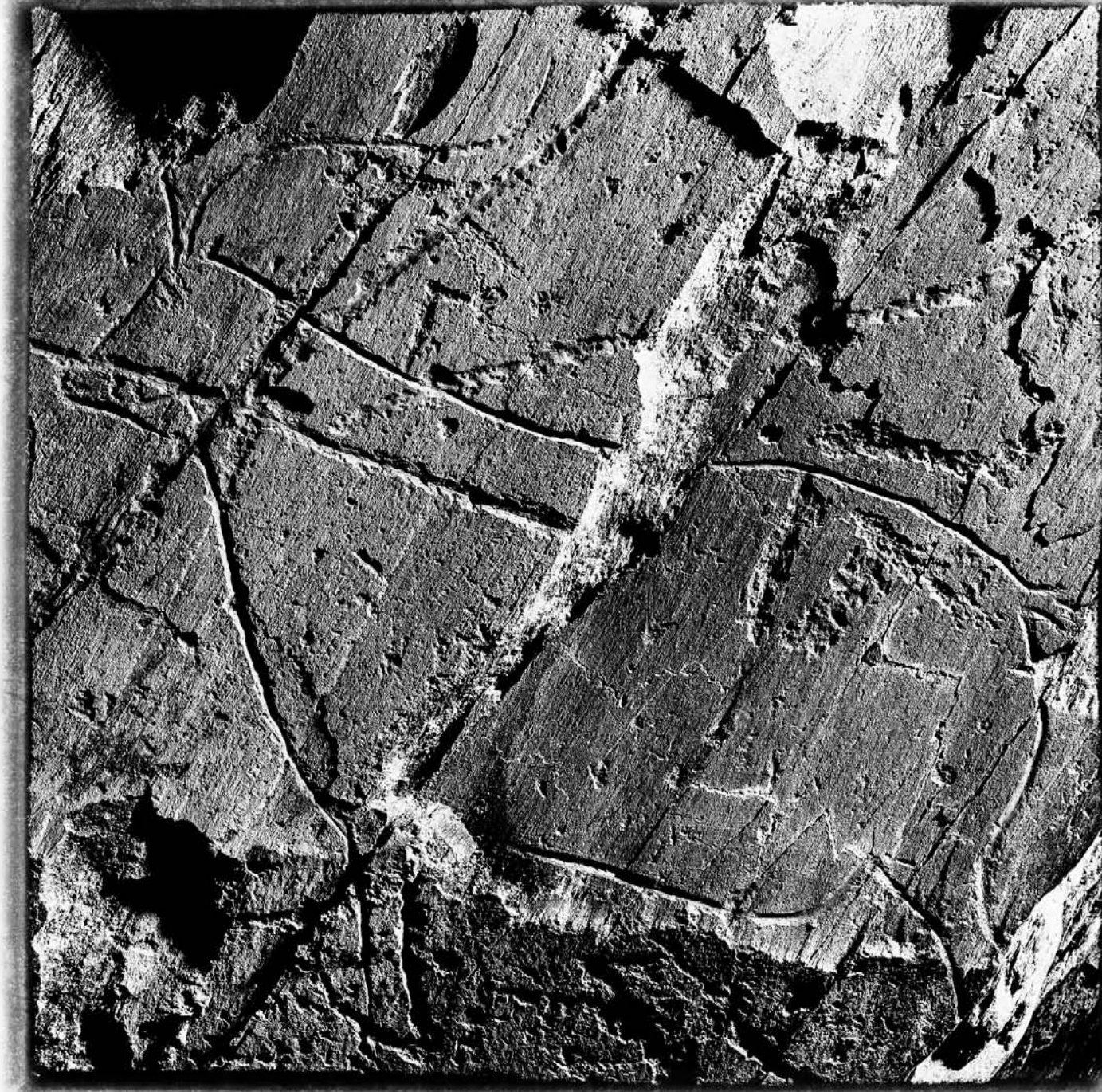
◊ traço múltiplo inciso no modelado interno é uma característica estilística do final dos tempos paleolíticos. (Arte paleolítica do vale do Cda. Vermelha. Rocha 1)



10//Uma absoluta simplicidade.
Cerva #2.
(Arte paleolítica do vale do Côa. Ribeira
de Piscos. Rocha 2)



11//Rosto de um mito fundador, ou a
Terra que se oferece à fecundação.
◊ melhor "retrato" do homem paleolítico que
colonizou o vale do Côa. (Arte paleolítica do
vale do Côa. Ribeira de Piscos. Rocha 2)



12//Cabra #1

Uma segunda cabeça demonstra a reapropriação das imagens dos antepassados. Mas perdida estava já a esbelta técnica de execução do modelo original. (Arte paleolítica do vale do Côa. Penascosa. Rocha 5)



13//
Cabra #2
Para uma
estética do
absoluto
intemporal.
Uma cabra
pirenaica, de
uma beleza
etérea, que é
hoje a mais
icônica gravura
do Cõa. Uma obra
maior na
invenção do
movimento pela
genialidade da
solução
encontrada para
a conjugação das
duas cabeças com
o alongamento
dos cornos
anelados. (Arte
paleolítica do
vale do Cõa.
Quinta da Barca.
Rocha 3)



F
pi
só
dio II



14//Lux #1.
O fio de
Ariadne.
(Foz da ribeira
de Piscos)



15//Lux #2.
Umbrais de
luz.
(Foz da Ribeira
de Piscos)



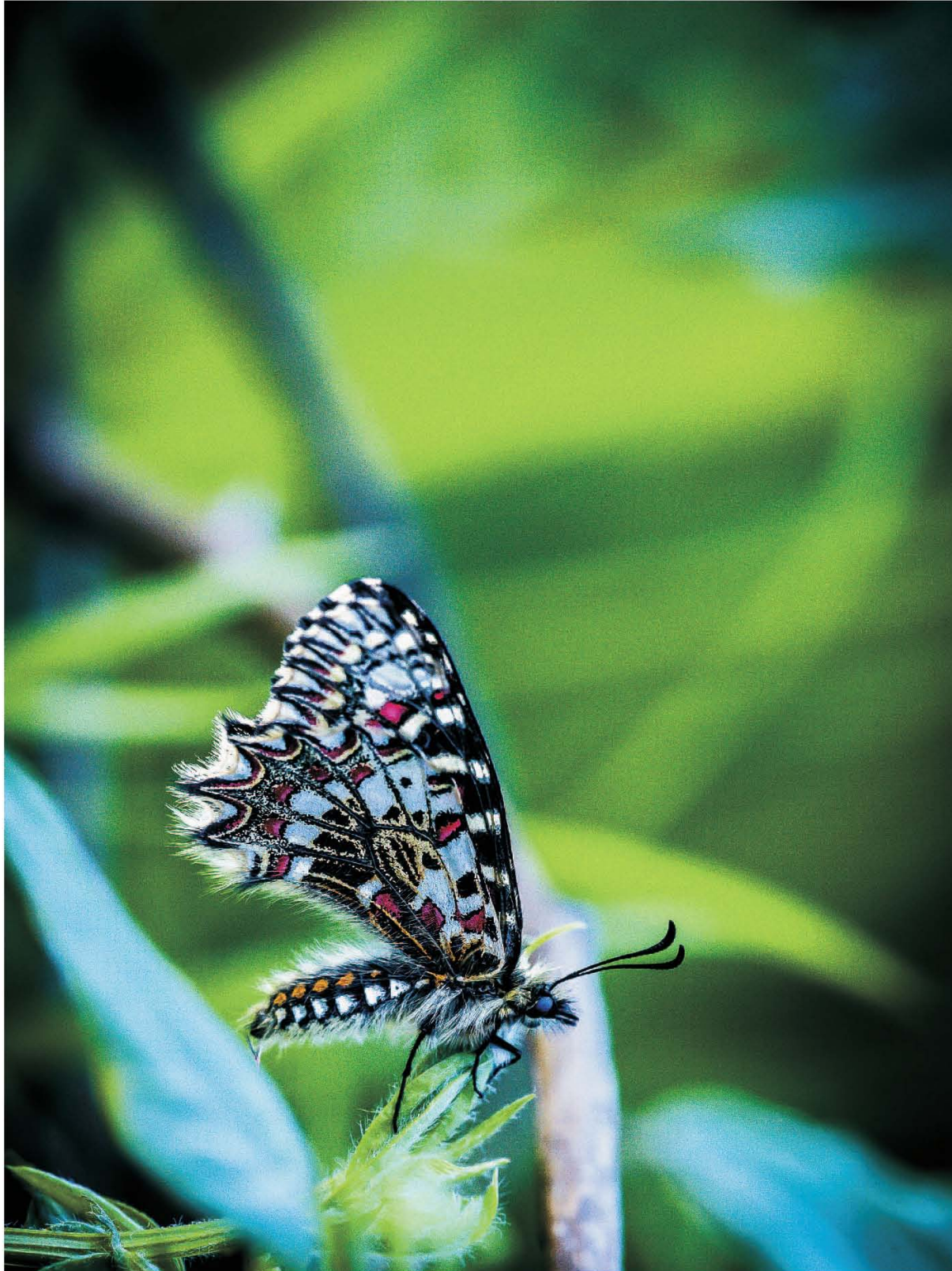
16//A tentação do
espírito do lugar
(Vale do Baixo Côa)



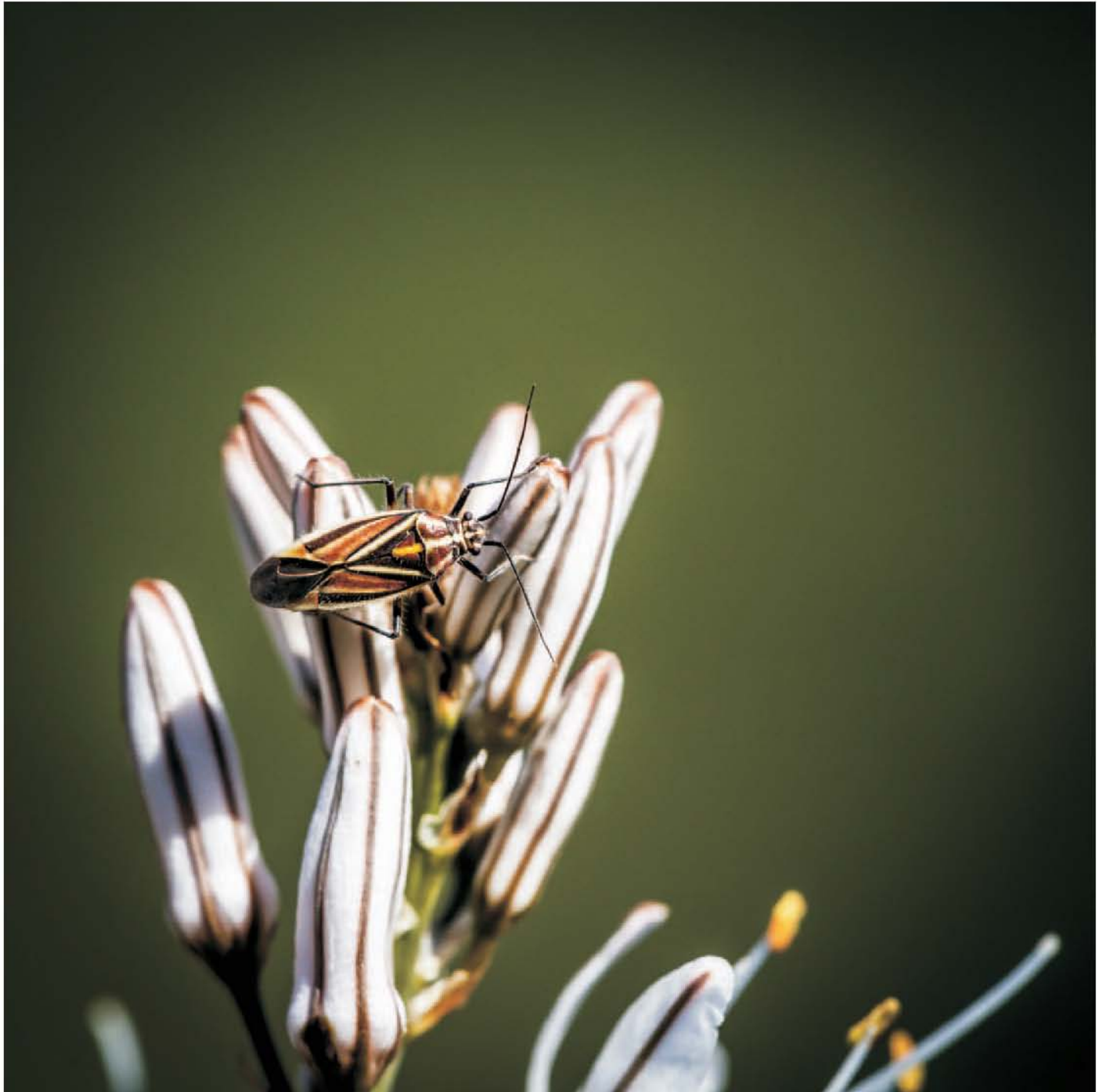
17//As amarras pendentes
(Ribeira de Massueime)



E
pi
só
dio III



18//Sem
título
#1



19//Sem título #II



20//Sem título #III



21//Sem título #IV



22//Sem título #V



23//Sem título #VI



24//Sem título #VII



25//Sem título #VIII



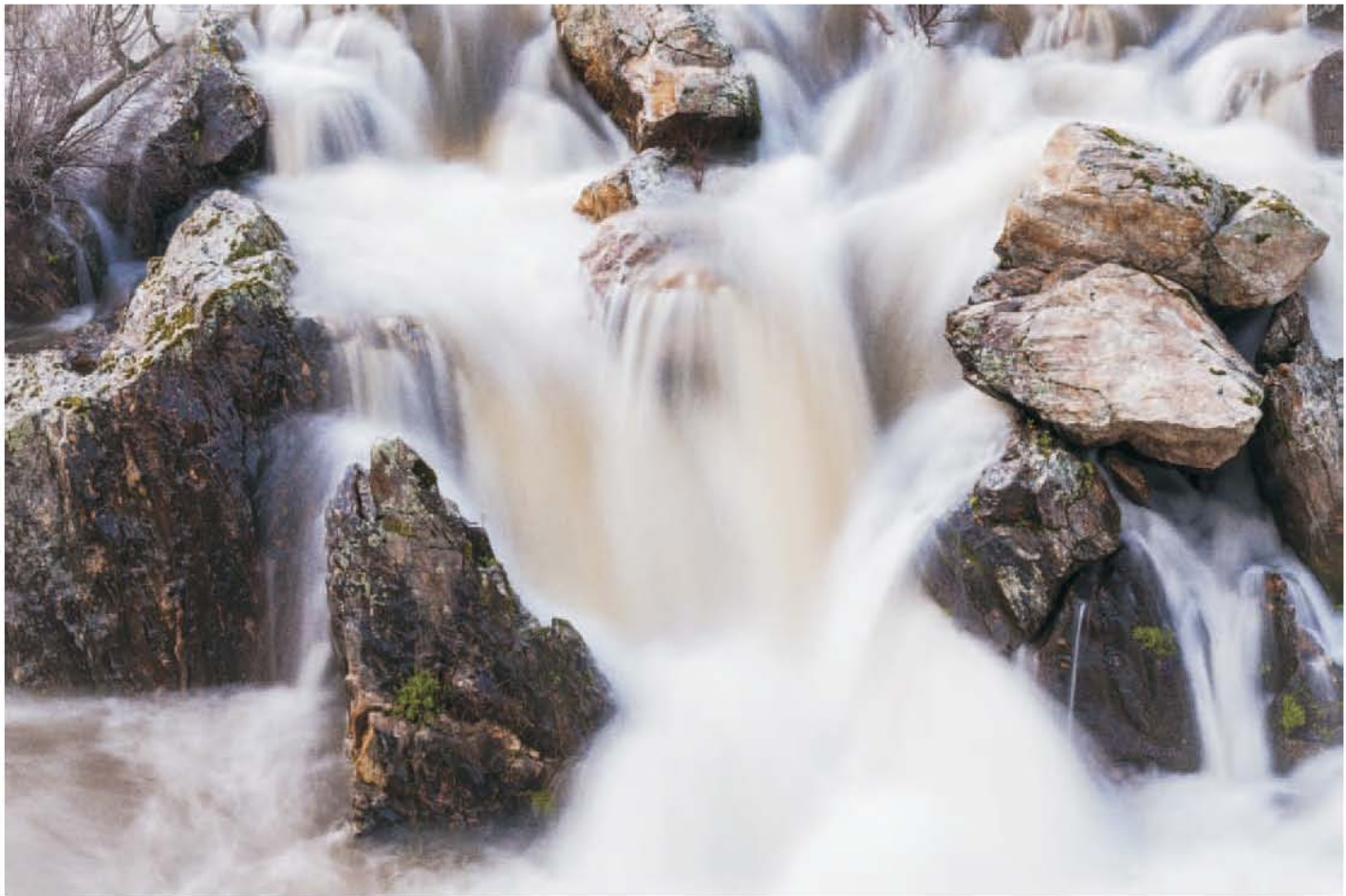
F
pi
só
dio IV



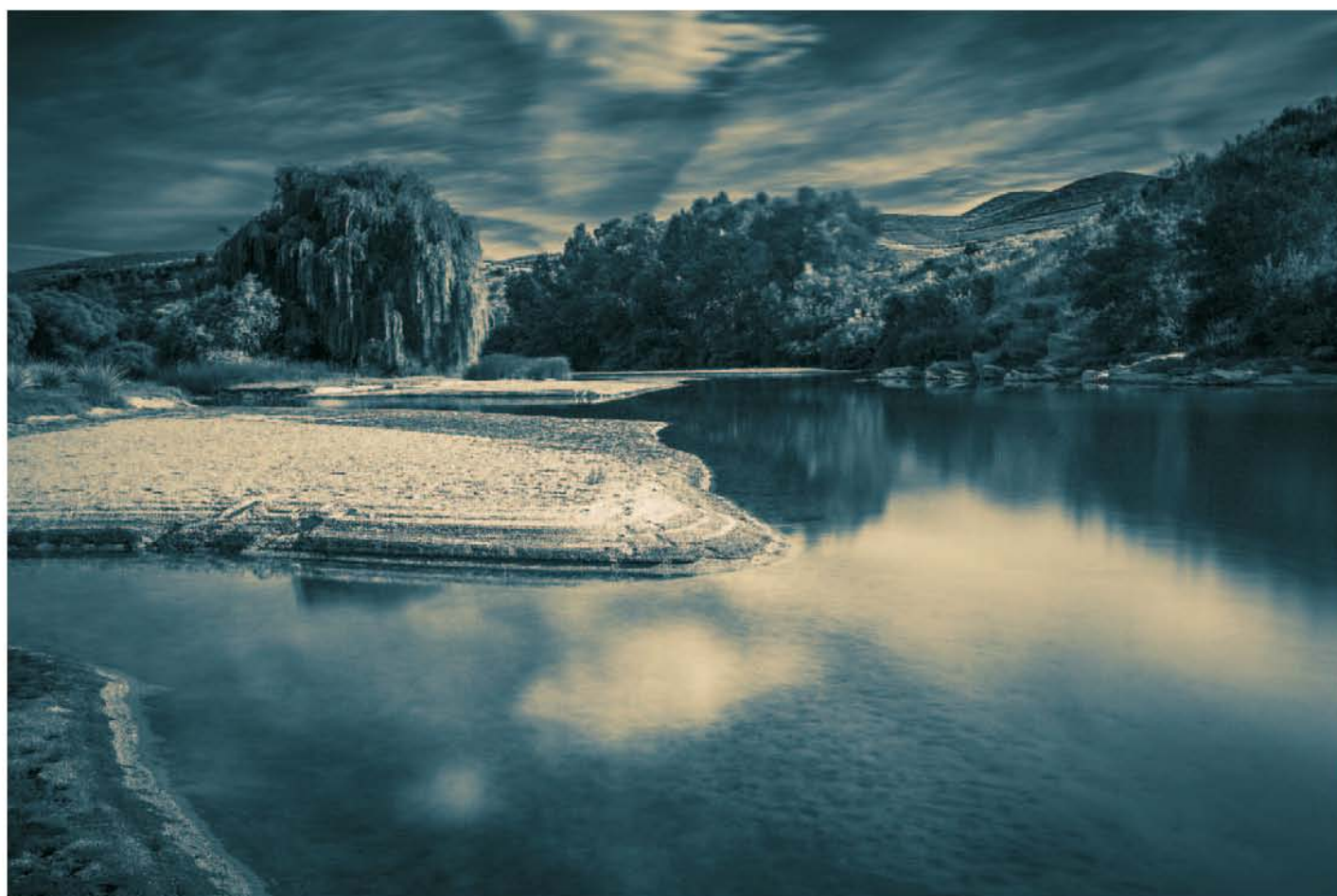
26//Um exército de sombras
(Arredores de Órgal)



27//Manhãs líquidas
(Arredores de Castelo Melhor)



28//Intemporal sonoridade
(Sítio da Cardina, vale do Côa)



29//Serenidade atormentada
(Baixo vale do Cõa)



30//A eternidade é um rio #1
(Baixo vale do Côa)



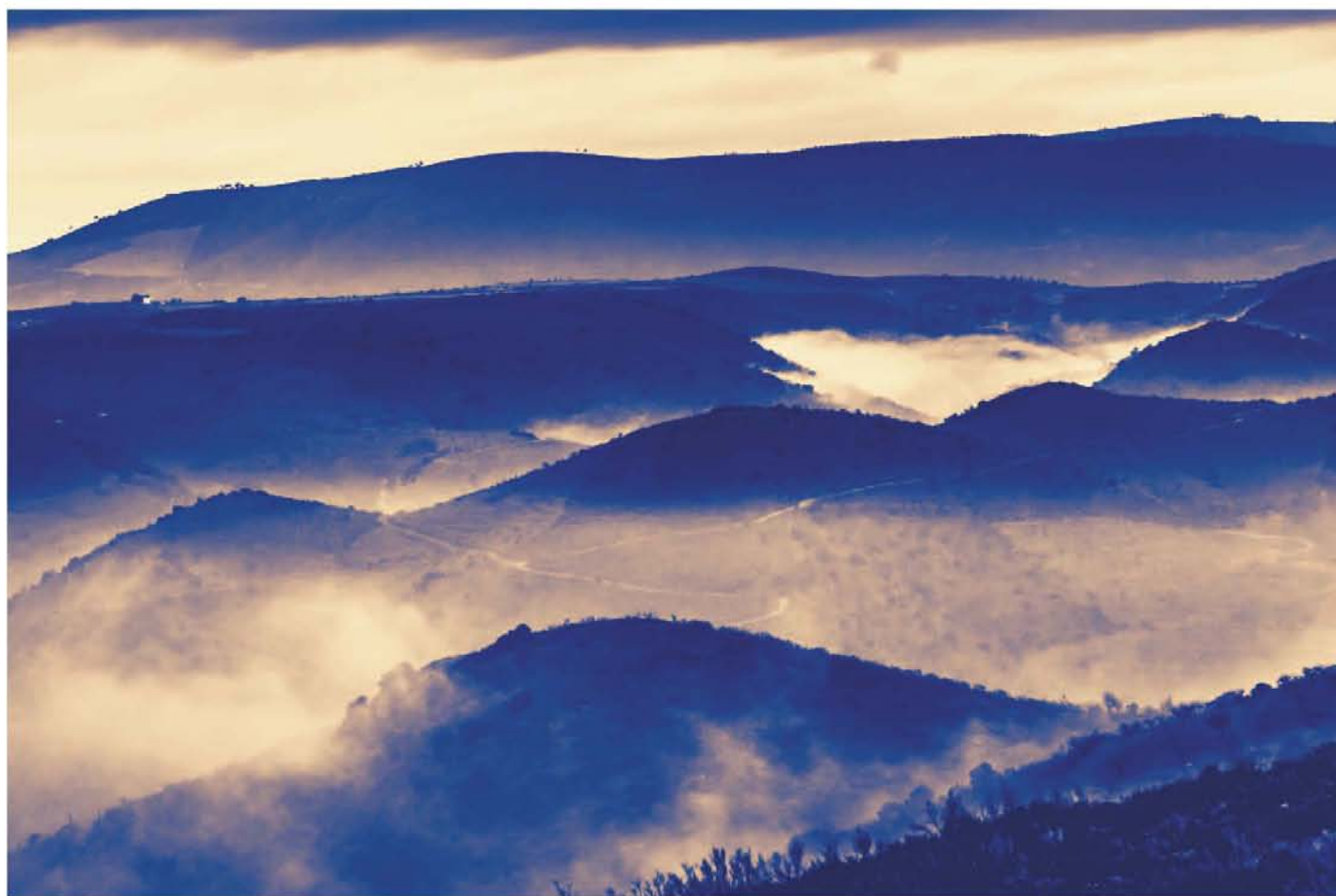
31//A eternidade é um rio #2
(Baixo vale do Côa)



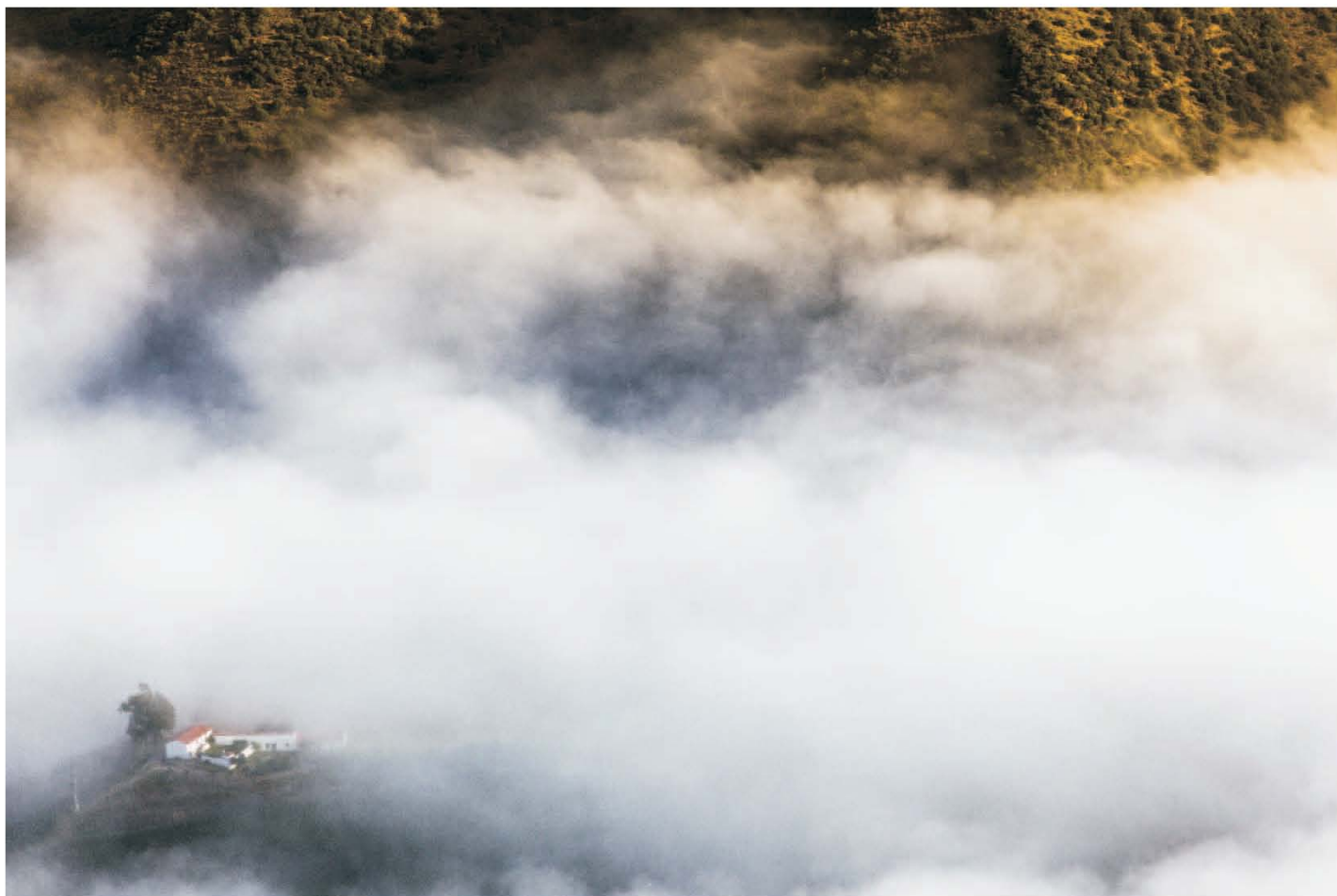
32//0 morro de S. Gabriel #I
(Poente//Nascente)



33//0 morro de S. Gabriel #II
(Nascente//Poente)



34//Luz e sombra, ou o
jogo do eterno retorno
(Vale do Douro, arredores de
Castelo Melhor)



35//Despertares durienses
(arredores de Castelo Melhor)



36//Do tempo e das suas mazelas
(Quinta abandonada no baixo vale do Côa)



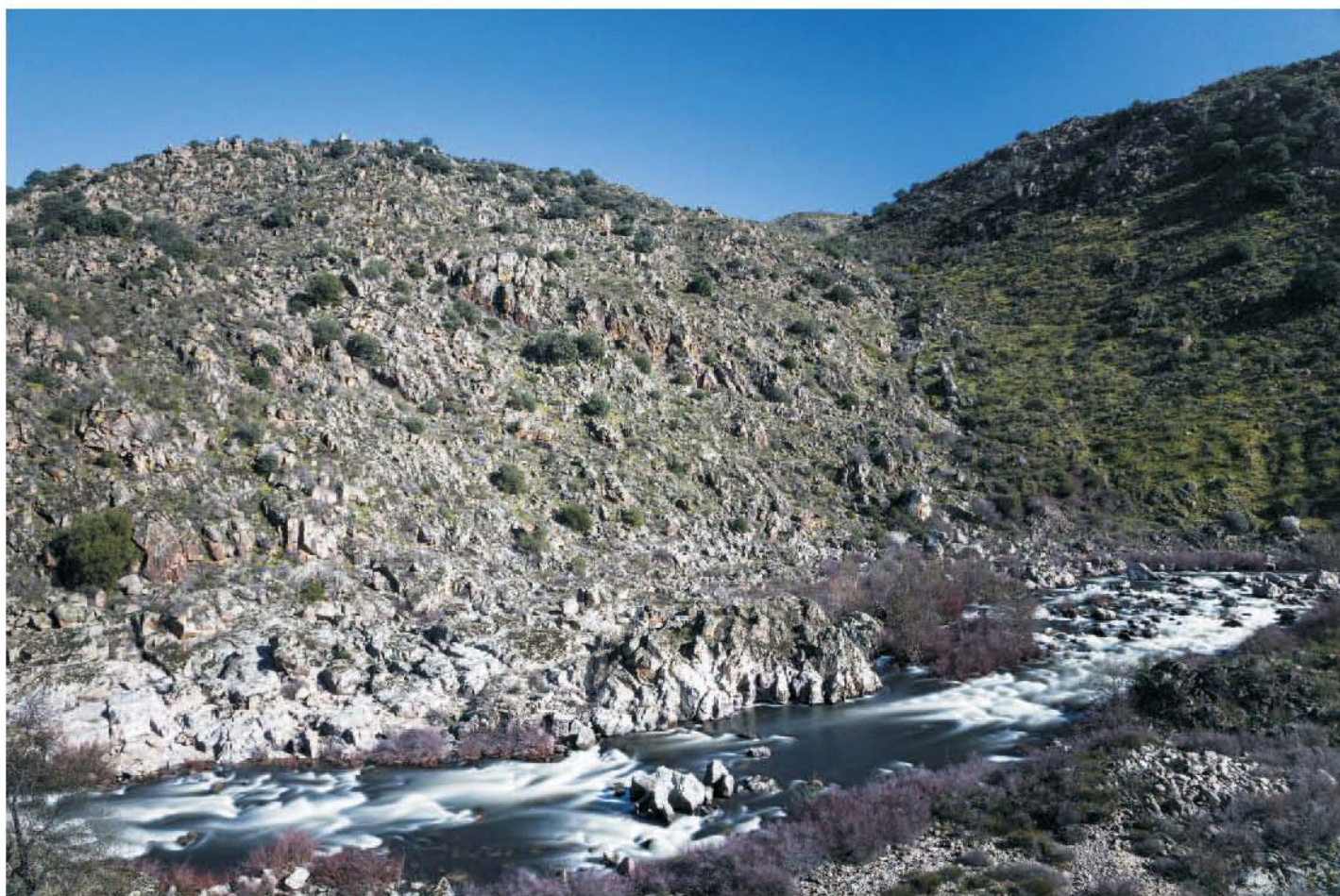
37//Deslumbrante
Ervamoira



38//Um escadório de verde tufado
(Vale do Douro, arredores de Castelo Melhor)



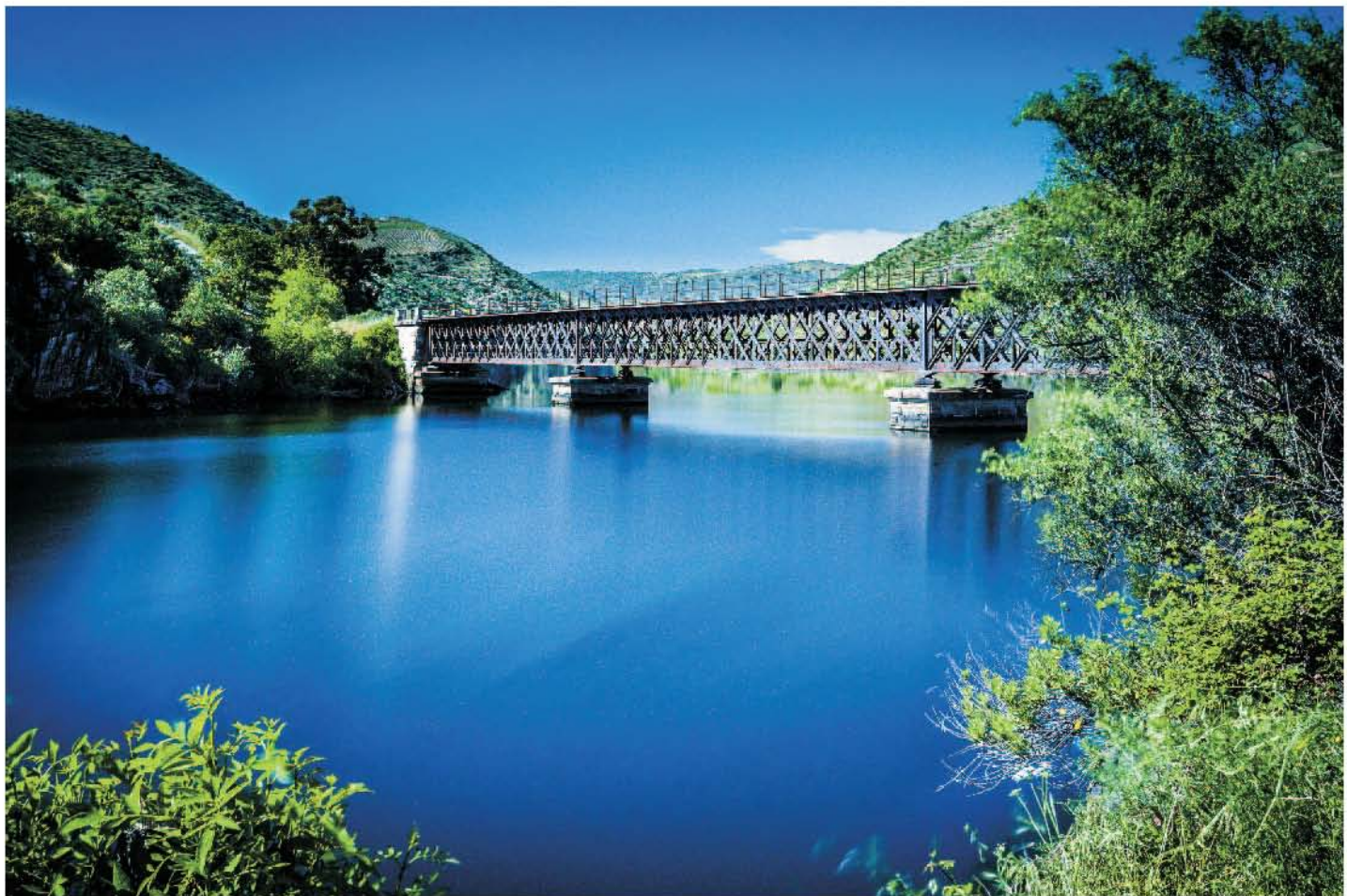
39//A vinha e as suas geometrias variáveis
(Arredores de Chãs)



40//Um rio em liberdade #I
(Mouchão da Faia, Cidadelhe)



41//Um rio em liberdade #II
(Faia, arredores de Cidadelhe)



42//A ponte do esquecimento
(foz do rio Côa)



43//Harmonias e contrastes
durienses (Quinta das Tulhas,
margem direita da foz do Côa)



44//Tríptico da paixão #I
(vale do Côa junto à foz da Quinta da Barca)



45//Tríptico da paixão #II
(vale do Côa a montante da foz de
Piscos)



4B//Tríptico da paixão #III
(vale do Côa e foz da ribeira de Massueime)



47//No vale do Cõa,
um museu para o
século XXI.

